

O SERMÃO DA MONTANHA DO “PINTOR DOS OPERÁRIOS”: NARRATIVAS HISTÓRICAS POSSÍVEIS ACERCA DA ARTE-MURAL DE EUGÊNIO DE PROENÇA SIGAUD EM JACAREZINHO-PR NOS ANOS 1950

Luciana de Fátima Marinho Evangelista¹

A construção e o embelezamento de uma grandiosa catedral diocesana marcaram os anos 40 e 50 da pequena cidade de Jacarezinho, localizada no nordeste do Paraná. Nela, foram realizadas 600m² de arte mural sob a autoria de Eugênio Proença Sigaud, o mesmo também fez intervenções na arquitetura inicialmente projetada por Benedito Calixto Netto. Para nós, a arte nessa igreja pode dizer sobre si, mas também sobre as culturas, sociabilidades e costumes do período no qual foi produzida. Principalmente porque as pinturas murais de Eugênio de Proença Sigaud, são um valioso registro sobre o olhar do artista para essa cidade nos anos de 1950, pois seu trabalho guarda a particularidade de trazer os próprios cidadãos para representar as personagens bíblicas, por exemplo, identificamos coroinhas, prefeito, pedreiros, freiras e centenas de outros nelas representados junto a famosas e polêmicas personalidades como Marx, Lênin e o Papa Pio XII.

Contudo, neste artigo, abordaremos apenas um dos 43 painéis, denominado “O Sermão da Montanha”, o qual se refere a uma passagem bíblica, sob a mesma denominação do afresco acima, que abre o Novo Testamento por Mateus (5, 1-48). Muito provavelmente o painel *O Sermão da Montanha* seja um dos mais polêmicos para a comunidade letrada de Jacarezinho no período em que foi pintado, afinal estaria nele retratado Karl Marx, aquele que, ao lado de Engels, decretou a morte da religião e da Igreja, já que seria a religião, para o materialismo dialético, a excrescência da história (Manoel, 2004). Por outro lado, essa polêmica dessa representação é alimentada pelas divergências filosóficas entre o pintor, Eugênio, e o encomendador da obra, seu irmão Dom Geraldo de Proença Sigaud. O primeiro era um artista comunista, ateu; enquanto o bispo era um representante da ala ultraconservadora do catolicismo brasileiro, foi co-fundador nacional da TFP (Tradição, Família e Propriedade) e, também, um anticomunista mordaz anticomunista. Se o alto clero da Igreja Católica no Brasil tomou conhecimento da existência desse mural na catedral de Jacarezinho não sabemos, mas é possível que os conflitos já existentes entre os dois irmãos tenha se acirrado em razão destas figuras representantes do marxismo que são expostas nos murais.

¹ Mestre em História Social pela Universidade Estadual de Londrina, bolsista CAPES, sob orientação de Zueleide Casagrande de Paula

Esse pressuposto – a presença de Marx nas pinturas de Jacarezinho consta não apenas no plano do imaginário local, mas ainda foi identificado na reportagem do jornal *Gazeta do Povo*, que se intitula *Por quem os sinos dobram*, é relatado:

No painel da Capela do Santuário, por exemplo, o Jesus do Sermão da Montanha é caracterizado por um pedreiro, que se chamava Ernani. No quadro, aparece ainda o então ajudante Waldetaro Dias (retratado cinco vezes) e o próprio Sigaud ao lado (quem diria...) de Karl Marx e Lênin, representantes máximos do comunismo (NICOLATO, 1999, p. 5).

Seriam desse modo Karl MARX – com a popular barba, pele² mais clara que a maioria das demais personagens retratadas na pintura, o que indicaria um europeu analisando uma sociedade tropical. LÊNIN – igualmente com a pele mais clara, e ainda, com o queixo prolongado e traços que lembram um cavanhaque e, por fim, calvície, características marcantes da figura de Lênin. E por último SIGAUD, tal sequência, indicaria uma possível posição política do artista: marxista-leninista. Para Rubim (2007), está postura foi muito difundida na época, pois, ao discutir o marxismo brasileiro pelo viés cultural/intelectual, aponta como os marxistas agiam, inclusive na representação artística no Brasil. O autor descreve que “o marxismo que desembarca e toma forma no Brasil, principalmente a partir dos anos de 1940, enquadra-se nitidamente no ‘marxismo-leninismo’ desenvolvido a partir de Stálin” (p. 461).

Justamente na década de 1940, no exato mês de outubro de 1945, Sigaud, junto integrante do Grupo Portinari, junto a outros artistas participou da Exposição Artistas Plásticos ao Partido Comunista. O biógrafo e amigo de Eugênio revela uma declaração datilografada por Sigaud em 1975 na qual o pintor afirma que:

Militei até mesmo depois de 1945, contudo, aquela exposição do Partido foi o maior evento, sem dúvida, e que representou a força social da arte que vinha sido executada por mim: Eu retrato até hoje a miséria da classe inferior, minha pintura é da linha Socialista, como pode ser observado não mudei muito de lá para cá (Sigaud apud Gonçalves, 1981, p. 51).

A arte de Sigaud nunca foi ingênua ou descompromissada, evidenciamos as ponderações feitas por esse pintor em 1978 ao crítico de arte Frederico Moraes remontadas no livro “Núcleo Bernadelli: a arte brasileira nos anos 30 e 40”:

2 Conforme Fresca (2004), mesmo pós abolição vieram muitos negros para a região para trabalhar nas fazendas de café, o que proporcionou uma miscigenação entre os habitantes da cidade.

Em depoimento que me deu, afirmou: “Sou comunista. Engenheiro, sempre lidei com operários, o que explica a escolha dos meus temas. Sempre tive consciência do papel social da arte. Sempre fiz política. A meu ver, toda arte serve aos interesses políticos. A liberdade de criação, porém, é fundamental. Antes, em 1972, já declarara: “minha pintura nunca foi um ato gratuito, nem mesmo minha arquitetura. É, antes de tudo, uma atitude consciente e firme, uma finalidade com objetivos artísticos, políticos e sociais. Celebro com ela, especialmente, a magnitude e a grandeza do trabalho humilde do operário, este trabalhador anônimo em todos os setores da grandeza da Pátria (MORAIS, 1982, p. 89).

Nessas duas últimas citações, o pintor ainda se assume comunista nos fins da década de 70 e ressalta que a sua arte é a manifestação dessa posição política, que a sua arte está voltada para o homem do trabalho, o trabalhador humilde e explorado pelo capitalismo. Em suas palavras seu ofício consistiria em uma arte socialista. Essas declarações são importantes de serem destacadas porque nelas Sigaud se mostra adepto do pensamento comunista mesmo após as denúncias das práticas repressivas, intolerantes e abusivas do poder Stalinista na URSS.

Outra ponderação a ser feita a respeito da declaração de Sigaud a Frederico de Moraes é sobre sua afirmação de que seria a liberdade de criação, é um fator fundamental para o trabalho artístico. Poderemos, portanto, considerar que essa postura política frente a sua pintura e de vê-la como profundamente política, eram de conhecimento de seu irmão D. Geraldo e deve ter sido argumentado pelo pintor junto ao bispo. Diante do fato de essas pinturas com cunho político tão exacerbado terem sido realizadas na catedral com o acompanhamento do bispo Sigaud; e, de ter sido efetivado um projeto de pintura nas dimensões que este alcançou, encontramos no trabalho do mencionado pintor, as características a respeito das quais trata Baxandall, ao referir-se a intenção de qualquer artista na propositura de um projeto.

Podemos pensar a obra artística na catedral como fruto de uma profunda negociação entre os irmãos Sigaud. Sendo assim, temos, por um lado, aquele que encomenda uma pintura (o bispo) e do outro lado aquele que a executa (o pintor), ambos eram sujeitos inquietos e que se preocupavam com as questões sociais. Todavia, pensavam em tais questões a partir de concepções muito distintas: Geraldo se pautava no cristianismo, enquanto Eugênio se inspirava no marxismo.

Para muitos pensadores, seria, na Ideologia Alemã, o nascimento do Materialismo Histórico, corrente de pensamento que defendia a reviravolta do sistema hegeliano, ou idealista, já que os primeiros defendiam ser o homem, com suas produções materiais (num movimento dialético) o

ponto de partida da História: é o homem e suas condições materiais de vida, e não a Idéia, como propunha Hegel.

Segundo Rouanet, em “Religião: Esquecimento da Política”, Marx é um herdeiro direto da tradição do Iluminismo clássico, assim definida por ele:

Os padres eram aliados dos tiranos, contribuindo para manter o povo em estado de minoridade intelectual, o que o desqualificava para ser um ator político competente. Não há política sem aptidão para a política, e um povo imbecilizado por séculos de obscurantismo eclesiástico não podia nem pensar nem agir politicamente. A palavra de ordem de Voltaire – *écrasez l’infame* – resume o grande combate do Iluminismo contra as forças que tutelavam a razão, impedindo o homem de constituir seu próprio destino. Kant transpõe a mesma idéia na forma só aparentemente menos belicosa de um verso de Horácio: *sapere aude*, ousa fazer uso de tua razão. Para ele, a censura religiosa inibia o entendimento, e com isso paralisava a capacidade política (ROUANET, 2007, p. 147).

Em outras palavras, o autor recorre aos pensadores iluministas, e posteriormente a Freud, para historicizar a teoria de Marx sobre a religião. Dessa forma, Marx não compartilhava da visão freudiana de que a religião seria uma ilusão necessária para o convívio - posto que Freud a via como um freio da violência humana, para o primeiro (Marx), a religião sustentava a desigualdade social por não permitir o indivíduo oprimido se perceba como tal e, conseqüentemente, lute pela transformação dessa condição.

Evidentemente que todas essas críticas direcionadas à religião, resultaram num movimento reacionário. Inclusive, conforme alerta Manoel:

Não se brinca impunemente com a história! Quando uma instituição de idade vinte vezes secular, como é o caso da Igreja católica, seguida por milhões de fiéis e respeitada até pelos seus inimigos e adversários, quando uma instituição como essa anuncia a sua doutrina, e mais, quando desenvolve uma vasta ação política em âmbito mundial para consolidar esses preceitos doutrinatórios, ela arrasta consigo forças incomensuráveis, provoca jogos de poder e desencadeia envoltimentos que nem sempre pode controlar sequer prever os resultados (MANOEL, 2004, p. 133).

Pois foi um verdadeiro abalo sociopolítico que, com sua “força incomensurável”, a Cúria do Vaticano provocou, a partir do século XIX, ao pronunciar sua rejeição à consolidação da sociedade capitalista no mundo Moderno – rejeição esta mergulhada em um indisfarçável saudosismo ao Mundo Medieval – como também reação ao racionalismo e aos ideais liberais, enfatizando o *centralismo* na pessoa do Papa e a condenação ao capitalismo e ao comunismo.

Essa contraposição Cristianismo X Comunismo poderia ser verificada no encontro dos irmãos Sigaud, tanto que uma esclarecedora declaração a esse respeito é encontrada no livro de Gonçalves (1981): um trecho da carta de Geraldo Sigaud ao seu irmão comunista, de 1935:

[...] Seja Deus o fundamento granítico de teu futuro, tua fé e argamassa de teu lar... Não empunhe o facho da anarquia, nem a hipócrita bandeira dos direitos do operariado. O operariado tem direitos sagrados. São espezinhados por muitos Capitalistas, mas não é esse bando de demagogos de casaca, nem esse outro de incendiários que hão de levantar o operariado [...] (SIGAUD, G. IN: GONÇALVES, 1981, p. 52).

É possível entender por essa carta que o Sigaud bispo recriminava seu irmão pintor e o chamava de incendiário. Contudo convidou-o a realizar as pinturas na catedral onde era o responsável. Se há nesse convite uma incoerência aparente, ela é superada por essa ação. O convite trás implícita a admiração do religioso pelo pintor e a tentativa de fazer o pintor refletir sobre suas ações. Contudo essas ponderações possam beiram a conjecturas – já que tivemos acesso a nenhum documento que expressasse o que pensavam ambos sobre esse período de convivência em Jacarezinho – são reflexões a partir da documentação já exposta nesse trabalho.

Há de se considerar que seria uma atitude altamente provocativa, por parte do pintor, retratar Karl Marx na Catedral Jacarezinhense, mas a fonte que nos traz esse pressuposto – a reportagem já mencionada “Por quem os sinos dobram” – ganha maior credibilidade por contar com o depoimento de Waldetaro Dias, auxiliar de E. P. Sigaud na produção artística da catedral. Recorremos mais uma vez ao relato do Américo Felício Assis. Quando indagado sobre as pessoas presentes nesse afresco, o professor nos diz:

Na parte da capela santíssima tem uma figura, uma pintura lateral também, ali retrata um senhor idoso com um cajado na mão, na época ele era muito, era carismático aqui em Jacarezinho chamava José Adão. Morava no Asilo São Vicente, era carismático. A cidade inteira gostava dele. Ele tinha como característica: o cajado que ele impunha na mão. Esse cajado sumiu também, eu fui atrás dele e não consegui. Eu queria um pra mim, pois eu já to ficando idoso e eu to precisando de um cajado... Mas eu não consegui o cajado, sabe que no asilo foi feito lenha, que era um cajado enorme. Então ali também ta retratado algumas figuras, na época tinha o José Waldetáres, era um moço que ele tinha o dom da pintura também. E como Dr. Eugênio soube que ele tinha o dom da pintura também, convidou ele pra auxiliar na pintura secundária. (ASSIS, 23 de setembro de 2011)

Como o leitor pode perceber, com a entrevista não temos evidenciada a presença de Marx, entretanto, há a confirmação da presença de Waldetaro e a identificação de outro personagem: José Adão. Diante dessa lacuna, buscamos alternativas que dialogassem com os dados trazidos pela reportagem fizemos uma visita ao Palácio Episcopal de Jacarezinho, obtivemos a mesma constatação, nada há, segundo nos informaram, sobre Eugênio de Sigaud lá, boa parte da documentação, de teor pessoal, Dom Geraldo levou consigo quando transferido para Diamantina em 1961.

Recorremos ainda, a uma terceira fonte para analisarmos o painel *O Sermão da Montanha*, desta vez quem contribui para nossa pesquisa foi Arthur Luís Pascoal, professor aposentado e membro leigo da comunidade eclesial jacarezinhense, que se lembrou apenas da figura de José Adão, e nos narra:

aquele senhor, de cor negra, corcunda, com um cajado na mão. Eu o conheci pessoalmente. José Adão, homem santo, que, aos domingos, após a missa, saía com aquele cajado, de pés no chão, a percorrer os sítios e fazendas, para ensinar o catecismo às crianças. Nunca vi tamanha dedicação como a daquele homem. Hoje, com saúde, sem nenhum defeito físico, com carro à disposição, não encontro ninguém que faz o que fazia o santo José Adão (PASCOAL, 20 de setembro de 2011).

Tais palavras sobre a figura de José Adão, somadas à definição de Américo, acima descrita: “ele era muito carismático”, remete-nos ao tema das pinturas aqui analisadas, visto que o Sermão da Montanha ficou conhecido como um sistema de valores éticos e morais cristãos. Muito provavelmente, saltaram aos olhos de Sigaud “tamanha dedicação”, conforme nos elucidou o senhor Arthur, tanto isso é verificável que a figura de primeiro plano e, portanto, de maior destaque da pintura-mural é o personagem afrodescendente, identificado e nominado, por nossas testemunhas, de José Adão.

Podemos observar, ainda na composição das imagens do *Sermão da Montanha* que nem todas as figuras dialogam com o Cristo. A direita do observador, temos os sujeitos melhores trajados e que não se direcionam nem no olhar, nem corporeamente à Cristo, até porque o sermão não é orientado para eles e sim para os pobres em espírito, aos mansos, aos que choram, têm fome... É para eles que o carpinteiro de milênios atrás – aqui caracterizado como um Pedreiro Ernani – fala aos homens a sua semelhança e de ofício simples, desprovidos de bens materiais e de sofrimento. Tanto que as figuras que claramente se direcionam a fala do Messias, são aquelas de indumentárias simples, algumas sentadas no chão e em sua maioria de origem negra.

Neste cenário, é retratado também o discípulo de Sigaud: Waldetaro, o mesmo recebe uma posição de destaque no quadro, próximo a José Adão e indivíduos sentados a contemplar os ensinamentos do Salvador, no entanto, sua postura não é contemplativa e nem se pode certificar se seu olhar se direciona a “Ernani” ou a “Marx”. Sua posição é ereta, distinta da de José Adão, corcunda.

A posição de Karl Marx como a de seus seguidores (Lênin e Sigaud), por outro lado, é a de quem observa, observa não a Cristo, e sim seus discípulos fazendo uso desse “narcótico” – a religião, que através dos instrumentos ideológicos impede que o oprimido aceite essa condição, afinal, no Reino dos Céus serão recompensados. E, possivelmente, a postura de Waldetaro neste painel, mais voltado para Marx, indique a forma como Sigaud o percebia: um indivíduo inserido num espaço social, do qual “não fazia parte”, um jovem com potencial artístico, habitante de uma cidade interiorana, como características católicas fervorosas. Essa análise se pauta no fato de Waldetaro ter se tornado um pintor conhecido no Paraná.

Para realizar esta análise, procuramos seguir a orientação de Baxandall (2006), no modo como estabelece a inferência crítica em interpretação de pinturas, pois não consistiu em uma interpretação que perpassasse o plano psicológico do artista e sim que retomasse aspectos históricos e individuais que assistem ao entendimento da obra de Sigaud, que induzem a sua “trajetória do pensamento” e culminam na pintura em si, para, desse modo, poder vislumbrar uma compreensão histórica das pinturas tanto individualmente como no contexto em que se inserem. Esse autor nos acompanhou no desenvolvimento do texto na medida em que estabelecemos relações entre o que vemos nas pinturas de E. P. Sigaud e o mundo social do artista. Assim, procuramos construir, ao longo do trabalho, uma narrativa histórica sobre o urbano, através da arte, sem perdermos de vista que tal operação historiográfica é convencionalizada a partir de critérios estabelecidos por nós, e que jamais alcançarão as reais intenções do pintor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E FONTES

BAXANDALL, Michael. **Padrões de intenção**. A explicação histórica dos quadros. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

FRESCA, Tania Maria. **A rede urbana do norte do Paraná**. Londrina-PR: Eduel, 2004.

GONÇALVES, Luís Felipe. **Sigaud: o pintor dos operários**. [Rio de Janeiro].: Edibrás, 1981. MANOEL, Ivan. **O Pêndulo da história: tempo e eternidade no pensamento católico (1800-1960)**. Maringá-Pr: Eduem, 2004.

MORAIS, Frederico. **Núcleo Bernadelli: arte brasileira nos anos 30 e 40**. Rio de Janeiro. Pinakothek, 1982.

ROUANET, Sérgio Paulo. *Religião: Esquecimento da Política?* IN: NOVAES, Adauto (org). O esquecimento da política. Rio de Janeiro: Agir, 2007.

RUBIM, Antônio Albino Canelas. **Marxismo, Cultura e Intelectuais no Brasil**. IN: MORAES, João Quartim de. (org). História do Marxismo no Brasil: Teorias e interpretações.

ENTREVISTAS:

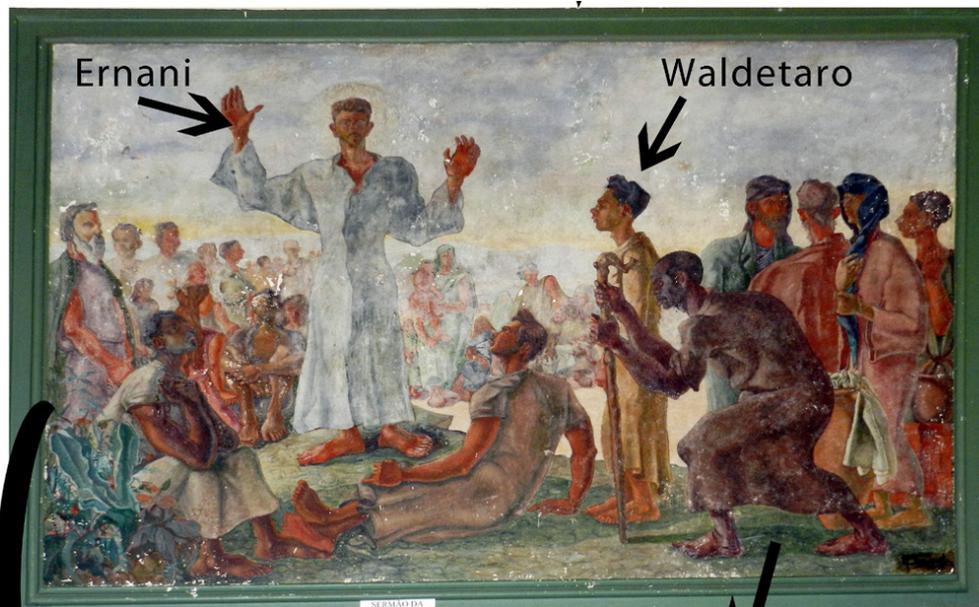
ARTHUR LUÍS PASCOAL. Entrevista concedida na versão escrita. Data: (20/09/2011) Professor da Educação Básica aposentado, atualmente comerciante e membro leigo da comunidade eclesial jacarezinhoense,

AMÉRICO FELÍCIO DE ASSIS. Entrevista Oral. Professor Universitário Aposentado, foi coroinha de Dom Geraldo Sigaud e está representado no Mural "O Povo de Jacarezinho e o seu Clero na Promulgação do Último Dogma de Pio XII". Duração da Entrevista: 37 min e 27seg. Data da Entrevista: (23/09/2011). Local: Catedral Diocesana de Jacarezinho.

PERIÓDICOS

JORNAL GAZETA DO POVO. **Por quem os sinos dobram: Pintor de temáticas sociais, Sigaud retratou numa visão bíblica personagens de Jacarezinho**. Reportagem de Roberto Nicolato. Curitiba, domingo, 18 de junho de 2000.

Imagens



Sermão da Montanha



Karl Marx, Lênin e E. Sigaud - José Adão

FEV/2011. Eugênio de Proença Sigaud. Pintura Mural. 2,50m X 4,00m. Catedral Diocesana de Jacarezinho (Edição Cely Kaori Hirata).